

## Fragmentos para uma Elegia

Ulisses Barres de Almeida\*

*Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CPBF/MCTI*

### I

Em seus diários, sugestivamente intitulados “Martirologia”, o grande cineasta russo Andrei Tarkovskij escreveu que o passado é muito mais real, ou pelo menos mais estável, mais resiliente, que o presente, pois o tempo só adquire peso material na memória. É este exercício de realismo que tem ocupado parte da minha dinâmica de trabalho desde o final do ano passado, quando desapareceu de nossa convivência — pelo menos aquela efêmera, pertencente ao tempo presente — o homem que para mim foi não apenas um cientista admirável e um querido amigo, mas principalmente um mestre.

Minha vocação científica não nasceu com o Ronald. Mais de trinta anos separavam nosso gérmen comum paulistano, que brincávamos estar radicado no mais brasileiro dos endereços, o Ipiranga, e foi apenas em 2013, no Rio de Janeiro, que eu o conheci. Mas ela desabrochou na relação com ele, quando passei a integrar seu grupo de pesquisa em Astropartículas no CBPF — área, aliás, herdeira da Física de Raios Cósmicos, em cujo contexto esse Centro foi fundado, em 1949.

Apesar da efeméride relativamente tardia, seu impacto na minha trajetória foi tal que tenho para com ele a gratidão de uma vida. A convivência quase diária com o Ronald no CBPF abriu-me a novos aspectos da minha atividade científica e profissional que, reconheço, não teriam acontecido facilmente fora deste encontro. Ele foi para mim um mentor fiel, entusiasmado e dedicado.

A história científica e de vida do Ronald não esteve circunscrita apenas a São Paulo e ao Rio, mas passou também por Los Angeles, onde se doutorou na Universidade da Califórnia, nos anos 70, e por Genebra, uma década depois, onde esteve por um período a trabalhar no CERN. E tampouco se restringiu a horizontes limitados, mas, refletindo seu espírito incontido, alargou-se, de uma maneira que viria a caracterizá-lo, por um sem-fim de extensões, dos Pampas Argentinos às altitudes do *Plateau* Tibetano.

A um espírito aventureiro como o seu, nossa área de pesquisa deve ter se apresentado com uma irresistível atração — seja pela aventura científica e técnica que é construir e operar instrumentos sofisticados para o estudo do cosmos nos

mais remotos pontos do planeta, seja pela aventura humana que é trabalhar nas colaborações internacionais com centenas de cientistas de todo o mundo, e construir realidades universais, indiferentes às barreiras culturais, sociais e geopolíticas pelas quais estamos habituados a nos isolar.

### II

O Ronald era um líder nato, e soube exercer sua liderança nas circunstâncias mais diversas, incluindo as grandes colaborações internacionais de que participou. Ele foi pioneiro entre os cientistas brasileiros no CERN, e um dos principais pesquisadores latino-americanos no Observatório Pierre Auger, tendo contribuído ativamente para a sua construção. Foi também um dos líderes do Consórcio para o Cherenkov Telescope Array, um novo observatório de raios gama que começou a ser organizado há cerca de uma década, pouco antes de eu chegar ao CBPF.

Dez anos não são tanto para os grandes projetos da nossa área: tempo suficiente para reunir as ideias e desenvolver a proposta de um experimento. Mas, estes foram anos em que constantemente traçávamos planos para o futuro do grupo e do nosso campo de pesquisa no Brasil, guiados pela sua sabedoria e longa experiência pregressa.

Quando o Ronald começou a trabalhar no SWGO<sup>1</sup>, seu último grande projeto, do qual foi um dos idealizadores e fundadores, ele já tinha 70 anos. É difícil imaginar que naquele momento ele já estivesse doente, visto o incansável empenho com que se dedicou a este trabalho e suas muitas outras tarefas, incluindo a direção do CBPF. Mas essa foi a sua atitude até o último dia.

Em longos projetos como estes, ninguém sabe ao certo o que nos espera adiante. Os desafios são muitos, especialmente no Brasil, onde os recursos para a ciência **há tempos têm sido incertos**, de modo que se empenhar na construção de uma tal empreitada internacional é uma opção cheia de riscos e inevitáveis revezes.

Este era, porém, um ambiente onde, paradoxalmente, o Ronald parecia se destacar ainda mais. Dotado de uma personalidade corajosa e ousada, ele não se encolhia face às dificuldades — “vamos adiante que aos trancos e barrancos dá-se um jeito”, dizia com frequência — e onde outros poderiam se frear, reticentes, ele exercia ainda mais plenamente

\*Electronic address: [ulisses@cbpf.br](mailto:ulisses@cbpf.br)

<sup>1</sup> Southern Wide-Field Gamma-ray Observatory, disponível em: [www.swgo.org](http://www.swgo.org).

sua determinação e liderança. Quando esbarrava nos previsíveis percalços, que volta e meia se repetiam, lembrava o filme de Fellini, *E la nave va...*, e nos anos recentes, mais difíceis, me aconselhava que era preciso ter paciência.

Os muitos sucessos dos trabalhos científicos do Ronald nunca foram de fácil realização. Desde que o conheci, ele se empenhava continuamente para levar adiante os projetos, sejam aqueles científicos, buscando incessantemente apoio no país e no exterior, por meio de sua ampla rede de amigos e colaboradores, sejam aqueles institucionais, como o projeto de adesão do Brasil ao CERN. Essa iniciativa, que levou uma década para ser construída e foi firmada poucos meses depois de sua morte, é sem dúvida alguma um dos maiores legados que qualquer cientista brasileiro poderia deixar ao país.

Sua grande resiliência e empenho inabaláveis, mesmo que as coisas levassem muito tempo para se concretizar, tinham a meu ver uma razão de fundo: seu modo de agir nunca deixou transparecer traços de egoísmo ou pequenez, pois ele construía as coisas com um olhar para o futuro, e não com vistas num retorno imediato, ou para si.

### III

Se alguém lhe indagasse sobre seu trabalho, o Ronald poderia se deter longamente em descrever suas muitas “belezas”, mas em seu discurso sempre sobressaía a preocupação com o propósito da ciência, que lhe servia como permanente elemento norteador. De fato, ele tinha uma enorme atenção para os aspectos humanos e sociais da pesquisa científica, e sua liderança mostrava uma intenção que ia além dos objetivos técnicos, e entendia a sua atividade como um instrumento de construção do país. Neste sentido, ele sempre trabalhou pela divulgação e educação científicas.

Nisto transparecia também a valorização que o Ronald fazia da comunidade e da “institucionalidade”. Ele tinha enorme clareza do valor das instituições e do mérito que existe em servirmos a estas como instrumento para construir o bem comum. Carregava consigo **a consciência da responsabilidade humana e social** de seu trabalho, e nunca deixou de exercer sua atividade ciente dos vínculos que isso impunha sobre ela.

Alunos, colaboradores, colegas e amigos, nos ambientes profissionais e pessoais em que convivi com o Ronald, todos tinham por ele um grande respeito, mesmo aqueles com os quais divergia. Ele era admirado pelas suas grandes qualidades sociais e sua incansável atuação, seu modo cativante e humano. Sabíamos — hoje com ainda maior clareza, graças à depuração do tempo — que estávamos diante não apenas de um importante cientista, mas de um grande humanista, que continuava a dar contribuições ao desenvolvimento da ciência em nosso país.

Para mim, o Ronald foi um homem que merecia ser observado com atenção. Como se movia, seus discursos. Sempre disposto a ouvir, ele dava grande importância à discussão e ao debate, demonstrando sempre uma personalidade generosa e verdadeira no confronto com todos. Suas ações eram transparentes em suas intenções e motivações, e ele tinha uma capacidade especial para ler as pessoas e as situações, o que lhe permitiu se tornar um exímio construtor de pontes e

soluções, removendo barreiras que pudessem obstruir a possibilidade de um entendimento comum.

É fácil lembrar de seus gestos, seu sorriso; a amplitude de sua atenção e agudeza da sua inteligência nos mais diversos contextos e ocasiões. Sua alegria característica tornavam sua imagem imediata para todos, e agora, na sua ausência, a convertem em memória vivaz.

De fato, são muitas as ocasiões de memória que o Ronald deixou a todos que conviveram com ele.

### IV

O Brasil é um país onde heróis passam frequentemente despercebidos, e a ciência é mãe de muitos destes. Mas o que é um herói? Não se entende facilmente o que há de heroico num homem, em tudo comum, com seus erros e suas inevitáveis limitações. Mesmo assim, alguns deles chegam a exercer uma fundamental influência no seu entorno, não por força de uma imposição, mas por meio de uma espécie de iluminação ética, pelo modo como vivem e se relacionam com o ambiente e o contexto que habitam. Sua maneira de agir tem um impacto, não necessariamente na sucessão dos fatos, no curso aparente dos eventos, mas no interior de quem o encontra ou convive com ele. E alguém que participe da experiência deste encontro dificilmente permanece o mesmo de antes.

Assim era o Ronald. Não havia uma separação aparente entre sua atividade profissional, quem ele era como pessoa e sua existência na sociedade. Existia uma integridade na sua personalidade que derivava da clareza que tinha sobre as razões e princípios que o guiavam.

Acredito que estas sejam qualidades de suma importância num cientista, ainda mais nos dias de hoje, em que a ciência ocupa posição cada vez mais central na nossa estrutura social — ao ponto que, idealmente, não deveriam haver hiatos entre o trabalho do cientista e suas atitudes perante a sociedade.

De fato, o trabalho do cientista demanda grande parcela de dedicação e sacrifício pessoais. É algo que percebemos: é o cientista que, frequentemente, se declara pertencer à ciência, e não o contrário; é o cientista quem se sente servindo à ciência, e não ela que deve servir aos propósitos do cientista. Falar, como o Ronald dizia, que “o Brasil precisa, desesperadamente, de ciência”, equivale a dizer que nosso país precisa de cientistas conscientes da sua responsabilidade perante a sociedade, tal como ele o foi.

### V

O dia 7 de dezembro de 2021 foi o seu último dia entre nós. Nos últimos tempos, agravados pelas múltiplas crises que parecem se suceder em sobreposição, ele não escondia uma certa preocupação com a escassez de líderes aos quais caberia a responsabilidade de guiar os rumos futuros — incluindo no nosso âmbito científico — e sempre sublinhava a importância de se preparar as novas gerações para que fossem conscientes e capazes de exercer seu papel de responsabilidade perante o futuro.

O tempo sempre foi um elemento misterioso na Física, e também na experiência humana, mas é impossível apreender o peso da responsabilidade que recai sobre cada um de nós fora da dimensão temporal de nossa existência. Nos últimos

anos de sua vida o Ronald se aproximava desta questão de uma maneira muito particular, quando (com satisfação) repetia que, entre a sua avó, que ele conheceu, e o seu neto mais novo, sua vida alcançava um arco de dois séculos.

Para mim, a existência do Ronald nos deixa dois testemunhos principais: que nossa vida vale mais se despendida com coisas grandes, e que fazer isso com intenções generosas é o caminho que mais naturalmente nos leva àquele objetivo elementar, e que no entanto parece nos escapar com tanta facilidade, que é a felicidade.

O espírito determinado e grandioso do Ron carregava a lição de que não vale a pena perder tempo na vida com coisas pequenas e mesquinhas. E a sua alegria testemunhava como o empenho da vida em construir realidades positivas, lá onde cada um é chamado a agir, nos realiza.

Para mim, esta alegria era uma das características mais

bonitas e definidoras da sua personalidade. Eu a interpreto como a marca de alguém que não guardou a vida para si, mas a gastou na consciência de uma tarefa a ser cumprida; a parte que lhe cabia na construção do mundo em que vivemos.

Certa vez, um colega italiano me descreveu o Ronald como um “peixe de águas profundas”. De fato, não havia nada que pudesse desviá-lo da sua calma e pacífica determinação, mas ele cruzou o seu itinerário nas alturas.

Ele percorreu sua estrada científica como um humanista, um humanista brasileiro, que soube revolucionar as realidades em que atuou sem excluir ou romper vínculos, mas pelo contrário, construindo e fundando realidades.

Ronald vivia na Urca. Sua casa estava a uma pequena caminhada de distância do CBPF, lugar que ele amou e que chamava de “a casa da Física brasileira”.